

LEONARDO DA VINCI

Nasceu Leonardo Da Vinci a 15 de abril de 1452 numa pequena aldeia da Toscana, chamada Vinci, da qual sua família adotou o nome. Seus pais eram agricultores.

Leonardo distinguiu-se desde os primeiros anos de sua vida. Aluno da Escola Verrochio, para onde ingressou em 1470, a fim de desenvolver a sua vocação para a pintura, logo depois prendia a atenção dos mestres e dos amigos pelos conhecimentos profundos de gramática, de aritmética e de música. Seu mestre Verrochio, homem famoso na época como pintor, arquiteto e escultor, foi depressa sobrepulado por Da Vinci, e registra a crônica que aquele ao ver o discípulo pintar um quadro, sentiu-se de tal maneira tocado pela beleza da obra, que abandonou completamente a pintura.

Personagem privilegiada pela universalidade de seu pensamento, Da Vinci constitui - conjuntamente com Shakespeare, Marx e Aristoteles - uma das expressões culminantes do gênero humano. O notável florentino, sintetizou nas suas múltiplas atividades toda a riqueza do Renascimento, e não há ramo do saber a que ele não tenha dado original contribuição. A um só tempo pintor, arquiteto, engenheiro, músico, filósofo e sábio, ainda em nossos dias, os pesquisadores estudam nos escritos de Da Vinci as revelações novas de sua atividade criadora.

A sede inesgotável de conhecimentos que o extraordinário toscano revelava no estudo da natureza, e que avassalava igualmente os segredos das artes era registrada em vasta coleção e cuidadosamente conservada pelo seu fiel amigo, Francesco Melzi. Por isso, Michelet chamava a Leonardo de "o irmão italiano de Fausto", com a diferença, porém, de que o personagem de Goethe, excogitava o sobrenatural e Da Vinci inclinava-se para a natureza, objetiva e praticamente.

Em 1498, Leonardo lançou as pinceladas finais de sua deslumbrante criação - A Última Ceia - que revela aos visitantes do convento de Santa Maria Delle Grazie as cintilancias de sua arte pictórica. Pouco depois, em Veneza, a serviço de César Borgia, realizou trabalhos de engenharia militar, a que se seguiu, em Florença, a competição com outro gigante do Renascimento, Michelangelo. Convidados ambos a desenhar um episódio da guerra entre Pisa e Florença, Leonardo superou a Michelangelo na pintura dos florentinos vencendo a batalha, obra que repercutiu em toda a Europa e foi considerada como coisa jamais vista.

Mas a inclinação científica dominou as atividades de Leonardo, propiciada por uma época de expansão dos conhecimentos, e nesse campo revelou um senso de valor e experiência extraordinariamente objetivo. A sua paixão de pesquisador e o desenvolvimento das teorias científicas baseadas em seus experimentos reservam-lhe a glória de ter sido um dos fundadores da física e da engenharia, e precursor incontente de Kepler, Galileu e Newton. Não parou aí a sua fascinação pelo saber. Foi anatomista, e escreveu um tratado sobre a voz e sobre os tropismos das plantas.

Voltando os olhos para o céu, sonhou em dar asas ao homem. Foi portanto, o pioneiro da aeronáutica, tendo estudado o vôo dos pássaros e construído uma máquina de navegação aérea, que adaptou aos ventos, com pleno conhecimento dos fenômenos de gravidade e de pressão. Descobriu concomitantemente o pára-quedas, e desenhou um helicóptero, que subia em espirais e por meio de um parafuso, muito semelhante aos aparelhos de nossos dias.

As observações e os experimentos de Da Vinci foram redigidos em código e acompanhados de múltiplos desenhos, com indicações singularmente colocadas, sempre grafadas da direita para a esquerda, em caracteres invertidos para serem percebidos somente através de um espelho. (Insurgindo-se contra os abusos da

autoridade eclesiástica e a estatal, Leonardo é forçado a revestir as suas críticas de forma velada, utilizando os processos de uma escrita secreta - bem que ingênua - para por-se a coberto da cólera dos tribunais da Igreja, que a essa época, costumava calar a voz dos opositores com as torturas e a fogueira.)

São conhecidas cerca de cinco páginas desses preciosos manuscritos, mas sabe-se que - apesar dos cuidados de seu amigo Melzi - muitos deles se perderam. Há manuscritos onde se vê claramente o projeto de um automóvel acionado a corda; outros em que surge um escafandro ou o mecanismo das "câmaras escuras"; outros ainda que reproduzem o mapa do mundo em pleno século XV, que serviu a Magalhães e a outros navegadores. Antes de Copérnico, afirmou que a terra era redonda, e até previu o seu diâmetro; criou teorias certas sobre o movimento das mares e confundiu as opiniões dos naturalistas de seu tempo que consideravam como animais raros certos fosséis descobertos nas montanhas. Da Vinci demonstrou que se tratava de esqueletos de animais. Antes de Galileu, teve idéia do telescópio, aconselhando em seus manuscritos a construção de lentes para se ver a lua aumentada. Dissecou animais para descobrir os segredos da nutrição, das células nervosas e dos vasos sanguíneos e artérias. Antes de Servet, teve a intuição da circulação sanguínea, como antes de Bacon enunciou as leis do raciocínio indutivo, através dessas notáveis palavras: "Sem experiência não pode haver certeza". A teoria botânica de que a idade de uma árvore se conta pelos círculos que surgem na secção de um tronco foi descoberta precisamente por esse brilhante espírito, que indo mais longe, discriminou os princípios que regem a distribuição das folhas nos ramos.

Os estudantes de Cambridge, não há muito, deram a Leonardo Da Vinci o título de - "maior gênio do mundo", e ainda no ano de 1952, quingentésimo aniversário de seu nascimento, grandes comemorações no mundo inteiro assinalaram a sua presença olímpica em todos os ramos do conhecimento moderno, desde a Itália, berço de seu nascimento, até a França, onde faleceu em Amboise.

A genialidade de Leonardo não pode ser separada da época que condicionou as suas brilhantes realizações. Produto o mais elevado do Renascimento, em que as ciências, as letras e as artes adquiriram uma expansão jamais vista na história da Humanidade, ele foi a expressão mais legítima de uma época em luta contra o obscurantismo medieval.

As versões mais lúcidas sobre a personalidade privilegiada do genial toscano referem - ademais de sua inteligência ímpar - o seu espírito de fraternidade e de solidariedade sempre voltado para os seres e as coisas. Tais qualidades são apanágio dos grandes espíritos. Arguto observador, Leonardo tudo examinava com um esforço orientado, tirando partido de suas meditações para aplicá-las em benefício de seus semelhantes.

Exemplo eloqüente disso é a sua atividade por ocasião da insidiosa epidemia de peste, que se abateu sobre as cidades italianas entre os anos de 1484 e 1486. Os habitantes morriam como moscas, e um imenso abatimento, ante a desgraça irreparável, dominava os ânimos, sumindo as cidades e os homens em dolorosa tristeza. Leonardo Da Vinci, tocado em seus sentimentos de piedade, procurava em meio ao desânimo generalizado, as origens da epidemia, que os espíritos mais simples atribuíam a causas extraterrenas incompreensíveis, talvez, manifestação da cólera divina. E compreende que as causas da calamidade residem nas miseráveis condições de vida do povo.

Leonardo idealiza então a construção de muitas cidades higiênicas, capazes de descongestionar os grandes centros de população. De tal modo se interessa pela idéia, que chega a expor seus planos a Ludovico, o Mouro - da cidade de Milão. Nesse plano, ele detalhava as mais arrojadas leis de urbanismo moderno, com a criação de dez cidades com uma população limitada de 30 mil almas cada uma. "Desse modo - explica Leonardo - ficarão distribuídas essas multidões de pessoas que vivem umas amontoadas sobre as outras como rebanhos de cabras, enchendo o ar de odores

fétidos e semeando em torno a morte pestil." Previu canalizações subterrâneas, esgotos coletores, calçamento, e grandes espaços de vegetação e jardins. E, completa o plano, com projeções de máquinas e instrumentos destinados a facilitar a construção dessas cidades. Vai mais longe ainda. Preocupa-se com a puericultura e com novos métodos higiênicos para cuidar das crianças, reprovando as mães o enfaixar os recém-nascidos.

A vivacidade intelectual e a paixão pelo saber não permitiam a Leonardo deter-se por muito tempo em uma especialidade. Mal terminava um de seus famosos afrescos, quase sempre feitos de encomenda por algum convento, lá se esquecia ele do pincel e da palheta e atirava-se com ardor a outro empreendimento completamente diferente. Deixa a pintura para ocupar-se com a confecção de um primeiro carro automóvel. Subitamente, impressionado com as guerras que sucediam entre soberanos ambiciosos, entrega-se com paixão a arte militar, e lança projetos audaciosos de engenhos secretos bélicos, sem esquecer os menores detalhes de engenharia militar.

Ao fim da vida, refugiado em Amboise, sob a proteção do rei Francisco I, ele prosseguiu obstinadamente em seus sonhos criadores. Nas vizinhanças da morte, ainda escrevia: "Eu continuarei...", legando a seus sucessos projetos e planos, muitos então considerados insensatos, e que são hoje uma realidade no domínio da técnica inventiva. Ali, faleceu a 2 de maio de 1515.

A grandeza de Da Vinci foi compreendida pelos seus contemporâneos, e o seu desaparecimento foi acolhido com enorme tristeza. Dele, disse seu amigo Melzi, exprimindo o sentir geral:

"Não está nas forças da natureza reproduzir um homem igual".

Que espécie de homem era aquele príncipe da arte? Há vários retratos que se alega serem dele, porém, nenhum antes dos cinquenta anos. Vasari fala com desusado ardor de "a beleza jamais adequadamente elogiada do seu corpo" e de "o esplendor de sua aparência que era extremamente bela e serenava todas as almas infelizes"; mas Vasari falou do que ouviu dizer. Não dispomos de nenhum quadro que nos mostre esta fase em que teria uma aparência divina. Mesmo na sua meia-idade, Leonardo usava barba comprida, cuidadosamente perfumada e encaracolada. Um auto-retrato, existente na Biblioteca Real de Windsor, mostra-nos um rosto magro e benigno, com cabelos compridos e abundantes e uma enorme barba branca. A magnífica pintura existente na Galeria Uffizi, feita por um artista desconhecido, no-lo mostra com um rosto forte, olhos penetrantes, barba e cabelos brancos e ostentando um chapéu mole de cor preta. A nobre figura de Platão em *A Escola de Atenas*, de Rafael, tem sido chamada como sendo o retrato de Leonardo, isso segundo a tradição e alguns eruditos. Um auto-retrato em giz, na Galeria de Turim, mostra-o calvo no alto da cabeça, e a testa, as faces e o nariz enrugados, e praticamente desaparecidos atrás da barba e cabelos. Parece que envelheceu antes do tempo e morreu aos sessenta e sete anos, a despeito de um cuidadoso regime vegetariano. No entanto, Michelangelo, que não dava atenção à higiene e vivia sempre doente, viveu até a idade de oitenta e nove anos. Leonardo vestia-se luxuosamente, ao passo que Michelangelo se trajava pobremente. No pleno vigor de sua vida, era conhecido pela sua força, chegando a vergar uma ferradura com as mãos; era hábil esgrimista, perfeito cavaleiro e sabia lidar com cavalos, aos quais tinha afeição, achando-os os mais nobres e os mais belos dos animais. Parece que desenhava, pintava e escrevia com a mão esquerda. Sem que tivesse qualquer desejo de tornar ilegível o seu trabalho, isso o fazia escrever da direita para a esquerda.

Sua curiosidade, sensibilidade, paixão pela perfeição – tudo isso contribuía para o seu maior defeito, a incapacidade ou má vontade de terminar o que havia começado. Talvez principiasse todo trabalho de arte com o propósito de solver um problema técnico de composição, cores ou desenho e perdesse depois interesse pela obra quando encontrava a solução. A arte, disse ele, está em conceber e desenhar e não na sua execução; isso era labor para os espíritos inferiores. Imaginava, às vezes,

alguma sutileza, significado ou perfeição que a mão paciente, impacientando-se por fim, não chegava a realizar, quando então abandonava desesperado o trabalho, como se deu no caso das feições de Jesus. Passava muito rapidamente de uma tarefa ou assunto a outro; interessava-se por muitas coisas; faltava-lhe um objetivo unificador, uma idéia dominante; este homem universal era uma confusão de fragmentos brilhantes, possuía muitas habilidades e era por elas dominado para que pudesse aproveitá-las para um fim. “Desperdicei minhas horas” acabou queixando-se.

Escreveu cinco mil páginas sem que tivesse, no entanto, terminado um livro. Quantitativamente era mais autor do que artista. Fala em ter composto 120 manuscritos, porém ficaram apenas cinqüenta. Estão escritos da direita para a esquerda, num estilo meio oriental que quase dá certa força à lenda de que, em determinado tempo, andara viajando pela Extremo Oriente, servira ao sultão egípcio e abraçara a religião maometana. Sua gramática era medíocre, a ortografia individualista. Sua leitura era variada e desconexa.

Aspirava ser um bom escritor; tentou muitas vezes imprimir certa eloquência aos escritos, como nas repetidas descrições de uma inundação; escreveu narrações muito vivas sobre uma tempestade e uma batalha. Evidentemente tencionava publicar alguns de seus escritos e várias vezes tentou pôr em ordem suas notas para tal fim. Pelo que sabemos, não publicou coisa alguma em toda a sua vida; mas devia ter permitido que alguns amigos vissem manuscritos escolhidos, pois Flavio Biondo, Girolamo Cardano e Cellini fazem referências sobre os seus escritos. Escrevia tanto sobre ciência como sobre arte e dividia quase igualmente o tempo entre as duas matérias. O mais substancial de seus manuscritos é o *Trattato della pittura* que foi publicado, pela primeira vez, em 1651.

Ele não era “o homem da Renascença”, pois era demasiado gentil, introvertido e requintado para simbolizar uma era tão violenta e vigorosa na ação e na palavra. Não era, por assim dizer, “o homem universal”, pois as qualidades de estadista ou de administrador não encontravam guarida na variedade de seu espírito. Mas, a despeito de todas as suas limitações e falhas, *foi o homem mais completo da Renascença, talvez de todos os tempos*. Contemplando as suas realizações, constatamos a evolução do homem desde a sua origem, o que renova a nossa fé nas possibilidades humanas.